



## COMEMORAÇÕES PÚBLICAS EM RORAIMA: IMAGENS DE UM “PAÍS QUE VAI PRA FRENTE!”

ELISANGELA MARTINS\*<sup>1</sup>

*“Eu quero sair, eu quero falar, eu quero ensinar meu vizinho a cantar nas manhãs de setembro...”  
Vanusa, 1973.*

Enquanto pesquisava sobre a memória da ditadura civil-militar em Roraima, deparei-me com um amplo conjunto de fontes que tratava de comemorações públicas realizadas pelo governo do antigo Território Federal entre as quais destacaram-se um conjunto de vinte e três fotografias em preto e branco, acomodadas em um álbum artesanal montado pelos servidores da Casa de Cultura Madre Leotávia, então subordinada ao Departamento de Patrimônio Histórico do estado. Com outras fotografias e textos, as celebrações também apareciam no *Jornal Boa Vista* ou *JBV*<sup>2</sup>, no boletim chamado *Pium*<sup>3</sup> e nos *Boletins Internos* do 6º Batalhão de Engenharia e Construção.

Sobre o conjunto inicial de fotos, é necessário fazer algumas considerações iniciais: por serem todas em preto e branco, terem as mesmas dimensões (18X15) e estarem dispostas num mesmo álbum, podem parecer, equivocadamente, tratar de único evento. No entanto, examinando-as de modo mais detido, verifica-se que o conjunto é composto por imagens tomadas de dois desfiles cívicos ocorridos em anos distintos. Ainda que não haja outras informações sobre as fotografias, o primeiro evento retratado pode ser datado com certeza como sendo do ano de 1971, quando se comemoravam os “28 anos de Roraima” numa das faixas empunhadas por um grupo de estudantes. Nesse grupo de imagens, a Catedral Cristo Redentor aparece ao fundo, ainda em construção. Noutras imagens, no entanto, o prédio da Catedral já apresenta o acabamento externo, permitindo que se considere que tratam de momento posterior. Como as reportagens do *Jornal Boa Vista* permitem o mapeamento dos desfiles da Semana da Pátria e do Aniversário do Território a partir do ano de 1973, há alguma segurança em afirmar que esse segundo desfile registrado em algumas das fotografias da Casa de Cultura tenha ocorrido no ano de 1972.

---

\*Universidade Federal de Roraima, UFRR. Mestre em História Social. [elisangela.martins@ufr.br](mailto:elisangela.martins@ufr.br)

<sup>2</sup> O *Jornal Boa Vista* circulou em edições semanais entre 1973 e 1979, sendo o jornal de maior longevidade e circulação do período. Assemelhado aos jornais comerciais, pertencia ao Governo Territorial, mantendo forte tom oficioso em suas notícias.

<sup>3</sup> Publicação mensal dos oficiais militares ligados ao 6º Batalhão de Engenharia e Construção, que circulou entre os anos de 1974 e 1976, com distribuição gratuita e tiragem média de 600 exemplares por edição.



Lamentavelmente, nem os autores das fotografias nem as pessoas nelas retratadas estão identificadas. O álbum também não é datado e as imagens são vagamente apresentadas

como “homenagem dos estudantes” ao aniversário do Território. No verso de alguns desses documentos, no entanto, há inscrições com pistas interessantes: em uma das fotografias, por exemplo, há três caligrafias diferentes, tentando identificá-la de modos distintos. A primeira inscrição, centralizada no alto, aparece feita em esferográfica azul: “*Festas e comemorações*”. Ao lado, em tinta preta, outra caligrafia gravou a palavra “*cívicos*”. O número “41.3”, que se vê a seguir, marcado com caneta azul, por cima de uma inscrição a lápis, pode ter sido outra forma de tentar identificar/organizar o documento, que ainda traz, mais abaixo, numa terceira caligrafia, em letra de forma, a descrição: “*Aniversário do Território de Roraima alunos da rede oficial de ensino? num desfile alegórico homenageiam o aniversariante*”. Há, por fim, outro número escrito, desta vez, “1.118”.

As outras imagens constantes no álbum apresentam situação semelhante à descrita. A profusão de inscrições no verso dos documentos permite supor a ocorrência de diversas tentativas, daqueles que manipularam tais fotografias, em precisar ou descrever aquilo a que corresponde seu conteúdo. Tantas inscrições podem apontar ainda para o fato de que, na ausência de um arquivo público, esses documentos tenham passado por diferentes repartições do Governo de Roraima antes de chegar à Casa de Cultura, corroborando a informação, passada pelos atendentes daquele local, de que tais fotografias foram produzidas por funcionários públicos, a mando do Governo Territorial. Se assim for, as anotações no verso – assim como a própria preservação desses documentos - são expressão de sua história e demonstram a importância que foi dada a eles e aos fatos que registraram no âmbito governamental.

A partir daqui, essas imagens serão identificadas como “do álbum”, apenas com a finalidade de diferenciá-las daquelas que surgem nas reportagens do *Jornal Boa Vista*. No Jornal, a cobertura das comemorações públicas, composta de inúmeras fotografias e pequenos textos, foram publicadas, na maior parte das vezes, em *Cadernos Especiais* que não podiam ser vendidos separadamente da edição regular do periódico. Tal abordagem corrobora a hipótese levantada pelo conjunto de fotos ‘do álbum’ que havia especial empenho do Governo Territorial em registrar as manifestações cívicas por ele patrocinadas.

O diálogo com essas fontes teve como objetivo inicial conhecer a história das comemorações públicas, o teor do que foi celebrado e/ou esquecido, a identificação de quem tomava parte nessas celebrações para, a partir desses dados, elucidar a importância de tais eventos na constituição e manutenção de uma determinada memória do roraimense sobre o período. É importante informar que, naquele momento, acontecia uma alteração no caráter das festividades públicas em Roraima, com as comemorações cívicas eclipsando o aspecto



religioso das procissões, quermesses e novenas em dias de santos, patrocinadas, em geral, pelos grandes proprietários e pecuaristas locais. Em 1970 as grandes comemorações públicas ocorridas em Roraima já tinham mudado de modo substancial, ocorrendo a paulatina secularização das celebrações, cada vez mais realizadas ou fortemente incentivadas pelo Governo do Território Federal de Roraima e pela Prefeitura de Boa Vista. Estes últimos substituíram fazendeiros e a Igreja Católica no papel de financiadores e organizadores.

A materialidade dessa mudança se registrava também num importante deslocamento físico: o largo da matriz, em frente ao rio Branco, considerado até hoje como “berço histórico” da cidade, foi abandonado e as festividades passaram a ocorrer, prioritariamente, na Praça do Centro Cívico, centro de visibilidade da nova cidade, local onde estavam as principais obras públicas construídas em Roraima após a chegada dos militares ao poder. Essas novas comemorações celebrariam a política de integração nacional empreendida pelos governos militares – e as imagens produzidas sobre esses eventos reforçaria a ideia de que tal política significava o desejável fim do insulamento e da escassez, até então característicos do Território Federal de Roraima.

As alterações não foram, entretanto, consensuais. Há sinais aparentes do rearranjo político que ali se operou para acomodar Igreja, fazendeiros e governo do Território sob o contexto do Estado Militarizado. Em 1976, por exemplo, Jaber Xaud, em coluna no *Jornal Boa Vista*, afirmava que os eventos da Semana da Pátria contaram com “garbo e imponência”, mas em meio às referências elogiosas ao “bonito desfile do dia 07 de setembro”, o colunista deu vazão à melancolia:

Pedaços de saudade. Festa de São Sebastião. Arraial animado, depois da novena o pessoal se espalhando pelo largo. Uns iam para as bancas de refrescos e doces, outros para a barraca da quermesse onde Francisco Vasconcelos, juntamente com um grupo de senhoras e senhoritas, sorteava bonitos prêmios. Outros se dirigiam às bancas de jogo de roleta e faziam sua fezinha na roleta dos saudosos velhos Teixeira, Barbosa, Felipe Xaud. Assim viviam as noitadas felizes de um tempo feliz que ficou só na nossa imensa saudade (XAUD, 12/09/76, p.13).

Outro exemplo é que, dois anos depois, em 1978, o saudosismo expresso na matéria anterior se materializava em ação para “restaurar o modo antigo das celebrações”, o que aconteceria na festa de São Sebastião a ser realizada naquele ano. Na notícia sobre o evento, um “membro da comissão de festejos” declarava a expectativa de que o arraial reviveria “os velhos tempos, em que a festa atraía não apenas pessoas da capital, mas também do interior roraimense”. A Paróquia Cristo Redentor seria a responsável pela festa, que deveria ser “um



grande arraial”. Os organizadores apontavam, no entanto, que, para atingir seus objetivos, seria necessário o “envolvimento de todos” e registraram o “convite muito especial aos fazendeiros do Território, para que estivessem “presentes às festividades de seu protetor” e - talvez mais importante - contribuíssem “com doações visando o êxito total do empreendimento” (A FESTA..., 01/08/1978, p. 25).

Nesse ponto é relevante citar que, se por um lado o Estado Militarizado tomava as rédeas para conduzir os grandes eventos, sendo seu financiador e por isso mesmo definindo os motivos a se comemorar, isso não significou um afastamento da Igreja Católica nem da elite civil. Os registros disponíveis sobre tais as paradas, desfiles e inaugurações sempre fazem referência à “presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas”. Ademais, muitos dos pronunciamentos de representantes da Igreja Católica e da classe de proprietários, por ocasião de momentos festivos, ficaram documentados, e seu conteúdo, sempre muito adequado ao clima comemorativo em que foram proferidos, sugere que o crescimento da interferência do Estado na proposição e execução de comemorações não ensejou grandes conflitos. Assim, as tensões do rearranjo político entre Igreja, fazendeiros e militares que não pode ser observada nas imagens, onde todos esses elementos são registrados, surgem nos demais documentos. Uma explicação para isso certamente está no caráter peculiar das imagens que registram as manifestações comemorativas: congelando um recorte, as fotografias não evidenciam esses dissensos e, dispostas isoladamente, como se vê no álbum, prestam-se inclusive promover o apagamento dos conflitos.

A maior parte das fontes empregadas foi produzida num período que, ou coincide com o segundo governo de Hélio Campos (1970-74), no auge do Milagre Econômico, ou lhe é imediatamente posterior. Essa concentração maior de fontes no período possibilita o palpite de que foi durante o mandato daquele governador que, de algum modo, se sistematizou a produção de documentos para a memória dos eventos cívicos que se realizavam em Roraima, ainda que não permita afirmar que foi somente a partir de 1970 que se intensificaram as comemorações de caráter cívico.

Setembro é especial para quem vive em Roraima. Último mês do período de intensas chuvas, marca o momento em que as águas começam a cessar e as praias de rio lentamente ressurgem. Para além dessa característica natural, os meses de setembro da década de 1970 tiveram um quê a mais para os roraimenses, pois durante seus trinta dias se comemoravam, respectivamente nos dias 07 e 13, os feriados da Independência do Brasil e do Aniversário do Território. Em geral, a “Semana da Pátria” e a “Semana do Território” compunham diferentes



festividades, que incluíam os desfiles de Sete e de Treze de Setembro, os Jogos Escolares, que gradualmente se converteram num grande torneio desportivo local, um Baile de Gala, que acontecia anualmente no Palácio do Governo, em homenagem ao aniversário do Território, diversas inaugurações e apresentações especiais. Desse modo, distribuídas por duas semanas inteiras, as comemorações marcavam de modo especial toda a primeira quinzena do mês de setembro em Roraima. Em alguns momentos, como em 1977, houve a junção das duas festividades numa única “Semana da Pátria e do Território” (27/08/1977, p.9), mas essa unificação das comemorações foi uma medida incomum durante toda a década.

Tomando as fontes de um modo geral, é possível identificar e entender o grande alcance dos desfiles cívicos, que se destacam entre as comemorações do período tanto pela quantidade de público envolvido, quanto pelos investimentos governamentais para seu planejamento, divulgação e execução. Tais exibições públicas eram certamente a culminância das atividades festivas do mês de setembro e, até o ano de 1978 - quando foram transferidas para a Avenida Ene Garcez (RORAIMA..., 22/09/1978, p.9) - se iniciavam próximo ao Palácio do Governo. Nessa época, largamente registrados em fotografias, os desfiles seguiam pela avenida que margeia o Centro Cívico e passavam pela frente da Catedral Cristo Redentor, percorrendo uma distância aproximada de 500 metros. Realizados em geral sob a luz da manhã, permitiam que os fotógrafos fizessem seu trabalho com tranquilidade no que diz respeito à tomada de imagens com abundante luz natural.

Às paradas, comparecia uma importante parcela da população. Nas inúmeras imagens que retratam desfiles no decorrer da década, não é possível identificar arquibancadas montadas para o público, mas mesmo assim as imagens destacam as pessoas comuns que iam assistir aos desfiles: pessoas aparecem sob o sol, apinhadas nas calçadas, dos dois lados da avenida, em pé, no chão ou sobre carrocerias de carros e caminhões estacionados ao lado de um palanque montado para as autoridades. Entre o público retratado, figura um número significativo de crianças, denunciando a intenção dos fotógrafos em registrar o caráter familiar das celebrações. Nas imagens do álbum, em especial, os pequenos aparecem sentados no meio fio, entre a calçada e o asfalto.

Para se ter uma idéia da quantidade de pessoas que comparecia a essas manifestações, as reportagens do *Jornal Boa Vista* são de grande valor. Em 1976 uma reportagem afirmava, por exemplo, que cinco mil pessoas assistiram ao desfile de Treze de Setembro e que a secretaria de educação teria mobilizado “cerca de mil alunos das Unidades Escolares para representarem o desenvolvimento do Brasil e do Território” (DESENVOLVIMENTO...,



18/09/1976, p.6-7). Dois anos depois o mesmo jornal calculava que quase seis mil pessoas tinham desfilado em sete de setembro (RORAIMA..., 22/09/1978, p.9) e que outras oito mil “disputavam palmo a palmo os lugares em volta da pista de desfiles” (GALERIA..., 06/10/1978, p.14).

Curiosamente não há nenhuma tomada aérea dos desfiles dando conta de um grande número de pessoas. Com planos mais fechados nas tomadas não se pode afirmar com segurança que haja indício de multidão. Mas mesmo que se desconfie da contagem do *Jornal*, vale considerar que a participação de alunos da rede pública de ensino - que no ano de 1977, por exemplo, chegavam a apenas 14.995 em todas as escolas de 1º e 2º graus do Território (IBGE, 1988, p.36) - implicava no envolvimento, direto ou indireto, de professores, diretores de escolas e pais, ampliando o alcance do evento para um número bastante maior que o dos estudantes que desfilavam e, além dessa comunidade, por assim dizer, escolar, participavam dos desfiles também militares, como os representantes do Segundo Batalhão Especial de Fronteira e do Sexto Batalhão de Engenharia e Construções, estudantes de nível superior matriculados na extensão da Universidade Federal de Santa Maria, representantes de entidades civis como as Bandeirantes e o Grupo de Escoteiros Valério de Magalhães (DESENVOLVIMENTO..., 18/09/1976, p.6-7), etc. Para se ter uma idéia de quantas pessoas poderiam desfilarem por essas entidades, vale dizer que, no desfile do Território, no ano de 1975, cento e sessenta pessoas desfilaram apenas pelo 6º BEC (JOCONDO, 1975, p.5). Tais dados reforçam o que, mesmo em planos fechados, as imagens antecipam: a enorme capacidade de mobilização popular para esses desfiles.

Uma iniciativa peculiar contribuiria para que um ar de carnaval fosse emprestado às paradas de setembro, sobretudo ao desfile do dia 13: é o caso dos automóveis e caminhões que, improvisados como carros alegóricos, desfilavam com muitos estudantes, fantasiados ou não, algumas vezes segurando cartazes e faixas. As imagens oferecem indícios de que os desfiles de setembro em Roraima atendiam aos interesses governamentais de propagação de suas idéias. Era o tempo de abrir “a terra sem homens para homens sem terra” e esta mensagem foi realmente uma constante nos desfiles, como já acontecia em 1971, quando em uma das imagens do álbum, dois caminhões aparecem perfilados, enfeitados com faixas na dianteira e na lateral, carregando jovens e crianças nas carrocerias. Fotografados em conjunto, os caminhões compuseram uma narrativa sobre o tempo: se no primeiro a faixa anunciava “ontem... era assim” e a carroceria trazia três jovens de pé e um pequeno grupo de crianças

sentadas muito juntas, o segundo, com a faixa “hoje...”, trazia um número bem maior de jovens e crianças, ocupando toda a carroceria.



Desfile de 1971: caminhões “alegóricos” e, ao fundo, a Catedral em Construção

Essa composição “alegórica”, além de aludir ao objetivo governamental de “povoar” Roraima, consoante ao conhecido “integrar para não entregar”, tenta marcar a chegada de um “novo tempo”, opondo o “ontem ao hoje”. A fotografia, que enquadra os dois caminhões de modo a garantir o registro da composição completa, compunha uma versão local de propagandas difundidas em nível nacional, como a que, desde a primeira metade da década anterior, afirmava que “até 1964 o Brasil era o país do futuro, mas agora o futuro chegou”.

A reverberação dos *slogans* federais entre as atividades locais está presente nos desfiles ocorridos por toda a década. Nas fotos identificadas como sendo do desfile de 1972, aparece uma faixa em que se lê: “Este é um país que vai pra frente”, o que também pode ser lido numa imagem do desfile do ano de 1976 (DESENVOLVIMENTO..., 18/09/1976, p.6). No ano de 1977, quando o governo federal lançou o slogan “o Brasil é feito por nós” e propôs “Faça um cata-vento para comemorar a Semana da Pátria”, uma página do *JBV*, dedicada à divulgação da “Programação Oficial” das comemorações relativas à “Semana da Pátria e do Território”, trazia exatamente um cata-vento como ilustração (FAÇA..., 27/08/1977, p.9-10). O mesmo ocorreu no ano seguinte, quando a imagem do catavento foi substituída pela de um avião de papel (BRASIL..., 01/09/1978, p.10).

Outra fotografia do desfile de 1971 traz um pequeno caminhão com a faixa “Realizações de HC<sup>4</sup>” e carregava, na carroceria, duas jovens que, de macacão, empunhavam canos ao lado de uma miniatura de Caixa d’água. Anos depois, um Jipe transformado em

---

<sup>4</sup> Como era chamado o então governador Hélio da Costa Campos (1969-1974).



carro alegórico simbolizava “a estação rastreadora de satélite” em homenagem às telecomunicações que começavam a chegar a Roraima (O DESFILE..., 16/09/1975, p.8-9). Essas, entre tantas outras composições, faziam alusão, respectivamente, aos investimentos que o governo prometia para a área de saneamento da cidade de Boa Vista através da CAER e da ampliação da rede de comunicações com a chegada da televisão ao Território (o que só veio a se efetivar no fim da década!). Assim, a integração nacional e a expansão do sistema de telecomunicações são temáticas freqüentes nas imagens dos desfiles.

A intenção “educativa”, que Fico (1997, p.133) já identificara como presente nas propagandas da ditadura e que denunciava que os militares entendiam a sociedade em geral como rude e despreparada, “necessitada de educação e amparo” também teve sua versão local. No ano de 1974 uma fotografia registrou o desfile de um carro com uma enorme boca aberta e a inscrição “cuidado com a cárie” (13 DE SETEMBRO..., 16/09/1974, p.3).

Como não poderia deixar de ser, a influência e a presença militar eram evidentes nos desfiles, o que motivou a busca de informações junto ao Sexto Batalhão de Construções que, de acordo com as reportagens do *Jornal Boa Vista*, era um dos destacamentos mais ativos nessas festividades. No Arquivo do BEC em Boa Vista, foi possível encontrar todos os chamados Boletins Internos referentes à década de 1970 e, na abordagem desses Boletins, um o primeiro esforço foi no sentido de investigar os que se referiam aos meses de setembro. O objetivo era identificar informações sobre a participação do Batalhão nos desfiles Cívico e Alegórico de Sete e Treze. A pesquisa no Sexto Batalhão de Engenharia, abordando notas de serviço e Boletins Internos não foram, entretanto, frutíferos para a investigação.

Nesse momento mais uma vez as imagens auxiliam com novas informações e, além da tradicional exibição de praças e apresentação das armas, comuns nas comemorações cívicas ocorridas em todo o país, pode-se afirmar que outros mecanismos para a valorização do elemento militar foram evocados durante os eventos ocorridos em Roraima. É o que aparece, por exemplo, em duas fotografias do *Caderno Especial* de setembro de 1973. Na primeira imagem, figuram meninos e meninas fardados, marchando sérios com seus quepes militares e portando coldres na cintura. Na segunda imagem, com outro modelo de farda, um grupo de crianças ainda menores – aparentando menos de dez anos de idade – apresentam-se com coturnos e capacetes redondos, como os utilizados em movimentação de guerra.

Essas aparições não significaram um processo violento de militarização das comemorações, nem tampouco de alijamento dos civis diante dessas festividades. O que se verifica é que, em termos locais, pela existência de dois grandes desfiles, foi possível

promover certa especialização: Enquanto o “desfile da Pátria”, de sete de setembro, contava prioritariamente com as representações do 6º BEC, do 2º BEF, da Guarda Territorial e, posteriormente, da Polícia Militar de Roraima, o desfile ocorrido em homenagem ao Território, em treze de setembro, era significativamente chamado de “desfile alegórico”, para o qual os estudantes e civis “guardavam sua apresentação” mais efetiva (7 DE SETEMBRO..., 8/09/1974, p.7). Assim, pode-se crer que a existência de dois grandes eventos cívicos no mês de setembro ajudava a impedir que, em Roraima, o caráter castrense das paradas de independência fosse alvo de críticas, como as proferidas pelo deputado Márcio Moreira Alves em seu conhecido discurso, de 1968, pronunciado na Câmara Federal (GASPARI, 2002).

Vale observar que imagem do poder nessas paradas foi registrada sem parecer necessariamente opressiva. As imagens dão conta de que, nas ocasiões dos desfiles, para abrigar o governador, o prefeito, o bispo, os comandantes de unidades militares e seus respectivos acompanhantes, um palanque simples era montado na calçada, ao lado da avenida. Feito em madeira e coberto com telhas simples de amianto, esse palanque era, até o ano de 1978, posicionado bem em frente ao Hotel Tropical e permitia que quem nele estivesse pudesse ver não apenas o desfile, mas também, ao fundo, o Palácio do Governo e parte da praça central. Nos primeiros registros fotográficos disponíveis no álbum da Casa de Cultura, esse palanque foi geralmente tomado a partir de um ponto de vista diagonal. Desse modo, as fotografias destacam a proximidade física da população com as autoridades. Pode-se inferir aí a intenção do fotógrafo em retratar o desfile de tal maneira que reforçasse a ideia do clima festivo que tomava a todos e minimizasse a divisão entre as autoridades e público comum. Com base nessas observações, poder-se ia apontar que, em Roraima, foram atingidas as pretensões dos ideólogos da Assessoria de Relações Públicas, AERP, para as manifestações cívicas da independência<sup>5</sup>.

Apesar disso, os limites à proximidade entre a população local e as autoridades aparecem de modo sutil, apenas quando se toma as fotografias de modo mais detido. No detalhe das imagens, a presença de soldados fardados, que, em sentinela, isolavam a parte frontal do palanque, não é destacada em nenhuma das fotografias. A preocupação com o isolamento da via de desfiles e conseqüentemente com a segurança das autoridades apresentou-se de modo mais evidente apenas em uma reportagem do *JBV*, que afirmava que o

---

<sup>5</sup> A AERP tinha a intenção de transformar o sete de setembro em uma festa de apelo popular, a exemplo do que ocorria com o quatro de julho nos Estados Unidos. Para mais informações, ver FICO, 1997, p.143.



impressionante público tinha rompido “os cordões de isolamento e chegou a atrapalhar o desfile” (13 DE SETEMBRO..., 16/09/1974, capa).

A partir do ano de 1973, pode-se dizer que tanto a criação de uma expectativa quanto a reverberação do espírito festivo que envolvia esses eventos foram tarefas cumpridas pelo *Jornal Boa Vista*, que publicava, nos dias que antecediam às festas, notas que em geral prometiam um grande espetáculo e, nas edições posteriores, ampla cobertura dos eventos comemorativos. A história contada pelas imagens que tratam dessas festividades, entretanto, afirma que, se é certo que o *JBV* teve importância para garantir o êxito e a participação popular nas comemorações, a massa civil que comparecia aos desfiles era atraída também pelo espetáculo quase carnavalesco que se seguia depois da passagem das tropas militares, quando os estudantes entravam em cena. Amplamente registrados em fotografias publicadas no Jornal, estudantes e demais civis que desfilavam nos eventos de setembro se empenhavam no que diz respeito à sua caracterização. Além de grupos uniformizados com impecáveis e diferentes fardas escolares, as fantasias também foram bastante retratadas pelos fotógrafos que cobriam os desfiles. Nas imagens do desfile de 1971, por exemplo, encontram-se estudantes vestidos como médicos e enfermeiros, complementando a idéia do carro que, provavelmente abrindo o cortejo, levava um grande cartaz com os dizeres: “mais técnicos para a Amazônia”. Esse tipo de caracterização é relativamente comum e, como os já citados médicos e enfermeiros, aparecem outras fantasias alusivas às mais diversas profissões. Também são freqüentes as fotos de pessoas em trajes de gala, sobretudo meninas, com longos vestidos de cetim e segurando flores de tecido, faixas ou cartazes; aparecem ainda grupos de garotas e garotos caracterizados como índios, gaúchos, mexicanos, agricultores. Presentes em praticamente todos os desfiles, jovens vestidos em roupa de ginástica realizavam acrobacias olímpicas, moças levavam bambolês e rapazes jogavam malabares ou cuspiam fogo. Entre esses jovens, algumas vezes é registrada a presença de garotas que desfilavam de biquíni.

Além de todo o destaque para a indumentária, foram registrados adereços inusitados, como grandes maquetes. Em uma das fotos de 1971, se encontra, por exemplo, estudantes carregando uma maquete com o que seria a Catedral, ainda em construção. Já entre as imagens de 1975, uma adolescente, trajada com minissaia e botas três quartos, desfilou à frente de um pelotão de garotas igualmente trajadas e carregando um grande mapa do Território com os dizeres “Roraima no Polamazônia” (O DESFILE, 16/09/1975, p.8).

Os desfiles eram controlados de perto pela Secretaria de Educação do Território, que definia o tema a ser comemorado a cada ano. Assim, o “desenvolvimento” – uma das idéias-



força da propaganda que vigorou durante o Milagre Econômico – foi, em 1976, definido como tema central para o desfile alegórico do dia 13, de modo que caberia a cada entidade ou escola apresentar um aspecto do “desenvolvimento” na avenida. O que se viu então, a considerar pela reportagem do *Jornal Boa Vista* foi uma grande encenação exaltando as diferentes ações governamentais de integração: a construção da BR174, a ação da Prefeitura na construção de uma “Usina do Lixo”, as campanhas de educação para o trânsito, a abertura de estradas e construção de hidroelétricas em todo o Brasil, a evolução dos meios de comunicação “desde o tambor e o fogo” e a integração dos “silvícolas” com a “mistura das raças” foram temas de desfiles de diferentes escolas, de unidades militares como o 6º BEC, entidades civis de escoteiros e bandeirantes, etc. (DESENVOLVIMENTO..., 18/09/1976, p.6-7).

A participação popular nesses eventos não era totalmente espontânea, como se já se pôde observar até aqui. No entanto, seja pela grande participação civil, notadamente dos estudantes, seja pelo incremento das fantasias, seja ainda pelas expressões daqueles que desfilavam e assistiam aos desfiles, é impossível ignorar que a população local se apropriou das paradas de setembro, impondo uma nova ordem aos eventos, que findaram caracterizados, de fato, como uma grande festa popular. Essa apropriação talvez explique a permanência, até os dias atuais, de paradas militares no dia do aniversário do município de Boa Vista, em nove de julho, bem como o sucesso de público do concurso de fanfarras envolvendo estudantes e professores de toda a cidade de Boa Vista no desfile comemorativo do Sete de Setembro.

Se a participação popular nos eventos cívicos da década de 1970 foi, no caso de Roraima, uma realidade, não se pode ignorar, por outro lado, que, apelando para noções vagas de civismo e patriotismo, gradualmente os desfiles se tornaram o veículo principal de um complexo mecanismo que realizava a divulgação da ideologia do desenvolvimentismo e da integração.

Daniel Aarão Reis (2005), referindo-se a programas ou pacotes sociais do Regime Militar à época do Milagre Econômico, como o “Programa de Integração Nacional [...], o Mobral [...], o Plano Nacional de Saúde, o PIS-PASEP e o Projeto Rondon”, afirma que “os êxitos econômicos não conseguiam disfarçar as desigualdades sociais” e, apoiado na idéia da falência dos programas citados, opina que, nessas condições,

a tentativa de estruturar um sistema nacional de instrução moral e cívica que orientasse aquelas gentes nos bons caminhos da moral e dos bons costumes era uma incongruência na terra de Makunaíma (p.59).



A busca de adesão através de propaganda não foi nada rara naquele contexto. A publicidade oficial dos governos militares, veiculada principalmente por rádio e televisão, articulou, sobre o tecido de uma mesma realidade, o ideológico, o imaginário e o mítico, permitindo a “criação de um sistema de auto-reconhecimento social” para os brasileiros, sob a “mística da esperança e do otimismo”. Esta propaganda oficial pretendia, entre outras coisas, oferecer “à população a chance de participar do projeto desenvolvimentista”, mas era uma oferta vazia, uma vez que, diante da situação concreta da política arbitrária do Regime, não se pretendia “materializar a proposta em nada propriamente viável ou palpável” (Fico, 1997, p.19 e 130).

Voltando a refletir sobre a questão da formação da memória e de sua conservação, é factível que, para a maior parte da população de outras regiões do Brasil, que tomou contato com as idéias de Brasil Gigante apenas pela propaganda veiculada pela televisão ou pelo rádio, tenha sido mais fácil abrigar o sentimento de ter sido logrado quando, a ressaca do Milagre se fez sentir na crise econômica que marcou os anos de 1980 ou quando se ampliou o alcance dos relatos de atrocidades cometidas pelo Regime. Esse processo, que deu corpo a certa consciência do vazio característico do ufanismo que tomara o país que ia pra frente, pode de fato ser uma das causas pelas quais se consolidou uma memória que, ao fim, pretende redesenhar o que Reis chama de “quadro das relações da sociedade com a ditadura” (2005, p.71).

As reflexões de Fico e Reis, feitas para “o Brasil”, não parecem se adequar ao que se vê em Roraima. Leve-se em conta que, à época, na original terra de Makunaima<sup>6</sup>, a integração nacional se fazia sentir de modos distintos: havia imenso impacto das obras públicas no cotidiano, o MOBREAL atingia grande parte da população e o Projeto Rondon, além de trazer profissionais diversos para o Território, foi responsável pela instalação do Campus Avançado de Santa Maria, então a única possibilidade de se cursar o nível superior em Roraima. Para aqueles que viveram os anos do “Milagre” sob o constante signo da mudança, a ausência da televisão não chegou a fazer diferença no que diz respeito à propagação da ideologia desenvolvimentista. Os desfiles foram um artifício influente ao elencar as transformações advindas das políticas governamentais como dignas de comemoração e ao mesmo tempo provocar grande envolvimento popular a partir de inúmeros atos anônimos, que iam desde a confecção de fantasias, passando pelos ensaios de fanfarras e até a marcha sob o escaldante

---

<sup>6</sup> Makunaima é deus maior, mito criador da tribo macuxi, predominante em Roraima.



sol de Roraima. Assim, a ideologia do Regime foi celebrada vivamente em festas e desfiles que reforçavam, em cada indivíduo envolvido, a convicção de que “o Brasil é feito por nós”. Cabe considerar que, para estes, a sensação de ter feito parte do Brasil Gigante se avoluma e, por certo, torna-se mais difícil de apagar devido a “pudores democráticos”.

Desse modo, os desfiles cívicos da Independência e do aniversário do Território, na década de 1970, foram, a um só tempo, engenhos especiais de propaganda ideológica, festas populares, espaço para a expressão cultural de um povo em formação e ações coletivas de apagamento dos dissensos. Com essas características, os desfiles tornaram-se ingredientes importantes para adoçar de modo poderoso “as manhãs de setembro” roraimenses, bem como a memória que ainda se guarda sobre o regime militar em Roraima.

## REFERÊNCIAS

- 07 DE SETEMBRO, Roraima festejou o dia da Pátria. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.7,8/9/1974.
- 13 DE SETEMBRO, a festa do Território. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, Capa, 16/9/1974. 22/9/1978.
- A FESTA de São Sebastião. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.25, 1º/8/1978.
- ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro não, música popular cafona e ditadura militar**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BRASIL, Ministério do Interior, Território Federal de Roraima... **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.10, 1º/9/1978.
- DESENVOLVIMENTO foi o tema do desfile do dia 13. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.6-7, 18/9/1976.
- FAÇA um cata-vento para comemorar a semana da Pátria. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.10, 27/8/1977.
- FICO, Carlos **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- GALERIA dos campeões. Jogos Escolares. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.32, 6/10/1978.
- GASPARI, Elio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- IBGE. **Atlas de Roraima**. Rio de Janeiro: IBGE, 1981
- JOCONDO, Tenente. Corrida do Fogo Simbólico da Pátria. **O Pium**. Boa Vista, ano II, n.16, p.3, 20/9/1975.
- O DESFILE de 13 de setembro. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.8-9, 16/9/1975.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e sociedade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- RORAIMA comemora a independência do Brasil. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.9,
- RORAIMA comemora a independência do Brasil. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.9, 22/9/1978.
- SEMANA da Pátria e do Território. Programação oficial. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.9, 27/8/1977.
- XAUD, Jaber. Sociedade. **Jornal Boa Vista**. Boa Vista, p.13, 12/9/1976.